



Caderno de Resumos

**SEMINÁRIO DE FILOSOFIA**

**PLATÃO:  
O DIÁLOGO E AS  
FORMAS**

05 a 08 de Maio de 2014 - Sala Celso Lemos - IFCS - UFRJ

Apoio:



**OUSIA**  
ESTUDOS EM FILOSOFIA CLÁSSICA



**05/05/2014****10:00 horas – Abertura****Minicurso: *Platone: Il dialogo e le idee* – Franco Trabattoni (UNIMI)**

Il corso sarà diviso in due parti, di due lezioni ciascuna. Nella prima parte si parlerà della forma del testo platonico, nella seconda del contenuto che si ritiene essere il cuore del suo pensiero (la teoria delle idee). 4 sottotitoli:

1. La forma dialogica; 2. La struttura degli scritti platonici: prospettiva unitarista o evolucionista?
3. Che cosa contiene, davvero, la cosiddetta "teoria delle idee"; 4. Che cosa la teoria delle idee non può dire: Il caso del Parmenide.

Contenuto

La prima parte del corso intende interrogarsi sulle strutture formali dell'opera platonica e in primo luogo sull'ormai dibattutissima questione del dialogo. Si prenderanno dunque in considerazione le principali linee interpretative proposte, dalla "teoria del portavoce" al cosiddetto dialogical approach, dalla prospettiva evolucionista a quella che vede invece nell'opera di Platone una profonda coerenza unitaria. Lo scopo di queste riflessioni non è tanto quello di capire perché Platone abbia scritto dialoghi (come vedremo, si tratta a mio avviso di una questione mal posta), ma piuttosto quello di capire quali sono le implicazioni filosofiche e teoriche insiste nell'adozione della forma dialogica. Correlativamente a questo si tratterà anche di capire se l'opera di Platone può essere intesa come un edificio organicamente strutturato, in cui ciascuna parte ha un ben preciso rapporto con tutte le altre, o se invece la sua natura non sia assai più complessa: con il risultato che l'eventuale organicità dell'insieme deve essere cercata, se c'è, mediante un approccio interpretativo più sottile e più duttile al tempo stesso. Nella seconda parte si cercherà di sfatare, in primo luogo, una serie di inveterati pregiudizi su che cosa sarebbe in Platone la teoria delle idee, in che cosa consisterebbe la conoscenza che l'uomo ne può avere e su quale sia la natura e lo scopo della dottrina della reminiscenza. L'esito di questo lavoro è un indebolimento sostanziale della teoria delle idee, almeno nella misura in cui si ritiene che esse siano l'oggetto di una scienza rigorosa chiamata "dialettica", e un privilegiamento generale delle caratteristiche genuinamente metafisiche della filosofia di Platone, contro il la sopravvalutazione della prospettiva epistemologica molto evidente nella maggior parte delle ricerche contemporanee. L'analisi di alcuni passi del Parmenide, che a mio avviso è il dialogo principale per capire che cosa davvero intendeva Platone con "teoria delle idee", servirà come controprova a quanto enunciato, precedentemente, in termini generali.

**15:00 horas - Palestras****Arte verdadeira e simulacros de arte em Platão – Admar Costa (UFRRJ e PPGF-UFRJ)**

Valendo-se da crítica que Platão faz à retórica e, em particular, ao ilusionismo no teatro grego, este trabalho busca refletir sobre o papel da verdade e do simulacro nas artes do discurso.

**A brincadeira de Eutidemo e Dionisodoro no Eutidemo de Platão – Paula Lopes (UNIRIO)**

Duas vezes no decorrer do Eutidemo (277d, 288b), Sócrates diz que Eutidemo e Dionisodoro não estão discutindo a sério, mas sim a brincar com eles. Em ambas as passagens a distinção entre o "discutir a sério" e "estar a brincar" introduz a explicação socrática sobre o que seria de fato o

conhecimento a ser buscado. Sócrates (o personagem) parece apontar nessa distinção entre brincadeira e seriedade a importância da forma do discurso para a descoberta das formas platônicas. Pretendo trabalhar nesta apresentação a relação entre a forma do discurso (erística, elenchos) e a descoberta das formas (ideias).

### **Forma ou consenso? – Susana de Castro (UFRJ)**

A tripartição da alma em vegetativa, sensitiva e racional serve como justificativa para Aristóteles defender a superioridade do animal humano sobre os outros animais. Somente os seres humanos detêm o terceiro tipo de alma. A excepcionalidade da alma racional conduz à conclusão acerca da ruptura entre a natureza humana e o restante da natureza. A presença dela nos constituiria em seres especiais, aptos, à diferença dos animais brutos, a investigar as verdades e as essências. A compreensão da racionalidade como algo que torna a natureza humana superior a natureza animal era comum aos gregos. Para eles, a racionalidade seria o que aproximaria os seres humanos dos deuses. Ao contrário dos filósofos antigos, os pragmatistas contemporâneos não vêem mais sentido na compreensão da tarefa da filosofia como a da busca da verdade e das essências. Partem do pressuposto darwinista segundo o qual o que nos diferencia dos outros animais é simplesmente a complexidade de nosso comportamento. Neste sentido a racionalidade não possui uma origem divina que nos permite investigar as formas, mas é fruto da evolução biológica. O que caracteriza a complexidade do comportamento humano depende do marco evolutivo da transformação de grunhidos, de rugidos em palavras e, a partir destas, a criação da comunicação oral e escrita. Este marco é resultado da busca do aperfeiçoamento da espécie diante dos perigos do meio ambiente. Essa transformação não surge do nada, do céu, mas sim do aperfeiçoamento das formas de convivência do ser humano com seus semelhantes. Se aceitamos as implicações filosóficas da tese darwinista, então, devemos buscar um novo vocabulário filosófico, não metafísico, antiessencialista, e uma nova tarefa para a filosofia. Neste trabalho pretendo confrontar a narrativa filosófica aristotélico-platônica essencialista com a narrativa filosófica deweyana-rortyana anti-essencialista. Focarei em três contraposições. Primeiro, a tese metafísica segundo a qual *conhecer* consiste em investigar a realidade por trás da aparência versus a tese pragmatista segundo a qual conhecer é buscar uma justificativa aceitável e um acordo eventual. Segundo, a tese metafísica acerca da *incondicionalidade da moralidade* versus a tese pragmatista negativa acerca da não existência do incondicional, e seu complemento positivo, a 'relacionalidade' de todas as coisas, isto é, a não descontinuidade entre raciocínio prudencial e moral (ambos possuem como origem um pressuposto prático, ligado à utilidade e ao benefício da finalidade da ação; a diferença entre eles é de grau). Por fim, a noção realista-metafísica de que a verdade está ligada ao conhecimento universal objetivo versus a noção pragmatista segundo a qual a distinção entre verdade e opinião é uma distinção entre tópicos aos quais é mais fácil chegar a um consenso intersubjetivo, e tópicos sobre os quais é mais difícil chegar a um consenso.

**06/05/2014****10:00 horas****Minicurso: *Platone: Il dialogo e le idee* – Franco Trabattoni (UNIMI)****15:00 horas - Palestras****A poética em Platão – Fernando Santoro (UFRJ)**

A poética de Platão tem dois aspectos indissociáveis. Como filósofo, interessa-se teoricamente por saber o que é a poesia e todas as suas relações com o conhecimento verdadeiro e com o bem da cidade. Por outro lado, como poeta dramático que também é, Platão desenvolve nos seus diálogos uma poética própria, com gêneros e estilos característicos. Estes dois aspectos, que fazem de Platão um filósofo poeta, convivem muitas vezes de modo ambíguo e conflituoso no interior da obra. Todavia, a consciência filosófica e o domínio magistral da arte fazem desse dilema autoral uma das qualidades dos diálogos, em que aparece a seriedade, a vitalidade, e mesmo o suspense, que convidam o pensamento a perseguir questões e enigmas. Sua consciência autoral resume o dilema em uma expressão, não menos enigmática e discutida entre os comentadores, que encontramos na República (607b): “A arcaica disputa entre a filosofia e a poética”. A palestra examinará este dilema.

**A estrutura do *elenchos* e a compreensão ordinária das virtudes – Fernando Rodrigues**

A partir de uma análise das várias definições de *sophrosyne* e das várias refutações dessas definições no diálogo *Cármides* de Platão, será mostrado como funciona o *elenchos* e qual o seu fim nos chamados diálogos socráticos. O fim almejado consistiria em elucidar a compreensão que um falante ordinário tem de uma expressão que designe uma certa virtude, o que é visível na própria colocação da questão (o que é x?) aos interlocutores, não se comprometendo tal pergunta com nenhuma objetualidade como referência desse tipo de expressão. Os procedimentos de que se lança mão em um diálogo *elêntico* para validar ou invalidar as respostas a essa questão seriam (1) a verificação se a resposta dada não se choca com compreensões mais gerais aceitas ordinariamente sobre o que seriam as virtudes ou sobre as suas propriedades e (2) a verificação se a resposta dada permite que se aplique a virtude investigada aos casos a que ordinariamente é aplicada. Também esses procedimentos apontariam para o fato de se buscar, por meio do *elenchos*, trazer à luz compreensões ordinárias sobre um certo tipo de termo linguístico. Sendo estes o fim e o procedimento *elênticos*, concluir-se-á que o fato de o *elenchos* recorrentemente levar, no final, a uma ausência de resposta adequada, desembocando em uma *aporia*, não é uma característica inerente ao próprio *elenchos*, indicando, antes, que os atenienses do final do século V, sobretudo após a guerra do Peloponeso, não mais possuíam um vocabulário moral unívoco.

**Os modos do dizer no *Íon* de Platão – Alexandre Costa (UFF)**

Nascida num momento histórico em que também surgem o teatro trágico e a filosofia, a *rapsódia* será qualificada no *Íon* de Platão como uma atividade hermenêutica, diferenciando-se assim da natureza e do caráter da antiga poesia à qual se dedica. O encontro de Sócrates com *Íon* oferece, principalmente, o diálogo, mas também o desencontro, entre o filósofo dialético e o rapsodo, ambos hermenêutas, desafiando sua arte interpretativa em torno à *Iliada* de Homero.

**07/05/2014****10:00 horas – Abertura****Minicurso: *Platone: Il dialogo e le idee* – Franco Trabattoni (UNIMI)****15:00 horas - Palestras****A filosofia enquanto visão da unidade – Izabela Aquino (UERJ)**

Entendemos que o pensamento platônico, em todas as suas fases, implica a unidade como questão fundamental. Queremos mostrar que Platão mesmo no diálogo *Sofista*, onde ele revê sua ontologia, sua teoria das formas, não pode abandonar a unidade. Para alcançarmos uma maior clareza de nossa proposta, procuraremos, antes de tudo, entender o que significa forma no pensamento platônico.

**A parte e o todo: atomismo no Crátilo e no Sofista – Luísa Buarque (PUC/RIO)**

O atomismo de Leucipo e Demócrito é utilizado implicitamente, em não poucos diálogos platônicos, como um importante paradigma científico a ser problematizado, criticado ou reempregado. Interessa-me, aqui, analisar a contribuição do atomismo para a Filosofia da Linguagem desenvolvida por Platão no Crátilo e no Sofista. A hipótese a ser desenvolvida é que muitas das diferenças entre esses dois diálogos derivam da distinção entre os modos como o atomismo é utilizado em ambos os contextos.

**Caverna para todos e para ninguém – Carolina Araújo (UFRJ)**

A caverna (PLATÃO, *República*, 514a1-521c) é, senão a mais geral imagem da filosofia, ao menos a mais tradicional imagem da filosofia platônica. Dela sabemos que é uma imagem da nossa natureza (514a2), com o intuito de provar que a educação é uma conversão de um poder que já temos na alma e não a introdução de algo em nós (518b6-d2). Começamos como prisioneiros a olhar para as sombras, terminamos (quase que não) vendo a ideia do bem (517b7-9) e ainda somos forçados a voltar ao lugar de onde partimos. Sabemos que esse processo inclui uma passagem do âmbito do visível para o âmbito do inteligível (517b1-6) e uma conversão de um poder sempre presente na alma em direção ao bem (518d4-e1). Parece simples, mas o século XX fez dessa narrativa algo incompreensível.

Se a caverna representa o visível, por que a conversão, representada pelo giro de todo o corpo, ocorre no âmbito do visível? Se a conversão é para o inteligível, por que essa conversão só vai poder contar com o elo da verdade depois de um outro tipo de esforço, representado por uma dura ascense até o exterior da caverna? E como a conversão para o bem pode ser explicada por um voltar-se para o fogo, e não para o sol? Ainda assim, se há dois níveis no âmbito inteligível, devemos buscar razões para essa diferença na imagem da linha dividida, que antecede a caverna? Mas a linha sugere uma diferença entre hipóteses e ideias, que parece não ser encontrada entre

objetos no interior e no exterior da caverna, a não ser que queiramos marcar o caráter artificial dos objetos internos à cavernas. Mesmo assim, se há artefatos à luz do sol, haveria uma diferença entre esses dois tipos? Então, digamos que não; digamos que a conversão é apenas no visível, e que Sócrates elaborou todo esse ambiente da caverna apenas para mostrar que, ao contrário do que a nossa visão constata imediatamente, há um grande esforço em diferenciar objetos de seus reflexos. Mas então isso indicaria que a dificuldade é da visão enquanto metáfora, não um problema da visão ela mesma. Se isso vale, então temos motivos para pensar que a distinção entre *eikasía* e *pístis* não é relevante senão enquanto uma função para marcar, ou a distinção entre dois tipos de atividade intelectual, ou a distinção entre visível e inteligível ela mesma. Porém, se for a distinção ente visível e inteligível, voltamos ao problema da conversão interior à caverna. Tentou-se então romper a dependência com a linha e acentuar o significado político da caverna. As sombras seriam a nossa educação em uma cidade corrompida e a ascese do filósofo se explicaria como um fato extraordinário, em referência aos casos de Theages e do próprio Sócrates no livro VI (496a11-e3). Porém, seria isso o suficiente para demonstrar que há em todos nós o poder da educação? Por outro lado, se a caverna é uma *kakípolis*, que razão teria o filósofo para retornar a ela, uma vez que o argumento apresentado por Sócrates diz que o retorno é um ato de justiça em retribuição à boa educação recebida pela *kallípolis* (520a6-d5)? E se a caverna representar a educação política do filósofo, ela não teria que se comprometer com a propedêutica das matemáticas exposta no livro VII? Isso não teria então que nos fazer identificar diferentes objetos na ascese? Ou haveríamos de pensar em uma diferença metodológica? Faz sentido pensar em uma distinção entre dialética ascendente e dialética descendente?

Muitas, muitas, outras questões emergiram na leitura recente desse trecho. Diante delas, o objetivo dessa comunicação não é adicionar uma nova interpretação a tantas já feitas, mas fazer um diagnóstico desse emaranhado, sobretudo na identificação de certas premissas tácitas desses intérpretes. Importa aqui não o que Platão exatamente diz, mas o que a sua interpretação revela sobre nós mesmos, sobre uma certa Torre de Babel do estado da questão que parece apenas reforçar que somos todos nós prisioneiros de uma mesma caverna.

### **A verdade da aparência no diálogo *Teeteto* de Platão – Francisco de Moraes (Dep. de filosofia UFRRJ)**

O diálogo *Teeteto* coloca em questão a natureza do conhecimento. Sensação, opinião verdadeira, opinião verdadeira acompanhada de *logos* são as aparências resultantes do percurso de investigação aberto pelo diálogo. Cada aparência releva, à sua maneira, o que o conhecimento ele mesmo é à medida que se deixa experimentar enquanto aparência. Não há contradição entre aparência e verdade. Queremos sustentar, ao contrário, que a aparência se evidencia ao longo do diálogo como o espaço de jogo apropriado e incontornável para a descoberta da verdade. É que sem a confiança na potencialidade da aparência, a qual constitui a alma do diálogo, nenhuma coisa se tornaria acessível em sua essência. É pela exposição decidida à aparência que a verdade pode ser experimentada.

**08/05/2014****10:00 horas – Abertura****Minicurso: *Platone: Il dialogo e le idee* – Franco Trabattoni (UNIMI)****15:00 horas - Palestras****Sobre o prazer: o discurso socrático e o silêncio de Filebo – Carla Francalanci (UFRJ)**

Este trabalho visa associar as teses defendidas por Sócrates e Filebo acerca do prazer às posições discursivas assumidas por cada uma dessas personagens, de modo a mostrar de que maneira a defesa da vida de prazer por Filebo, afirmada como pertencente a todo vivente, em contraposição à defesa socrática da vida de conhecimento, exclusividade do homem como ente racional, termina por conduzir o primeiro ao silêncio. É nossa proposta buscar mostrar a positividade e coerência presentes no silêncio de Filebo.

**Platão e Heráclito em três diálogos – Ana Flaksman (UNIRIO)**

Este trabalho buscará examinar, a partir da leitura de três diálogos platônicos (Banquete, Teeteto e Sofista), quais teses Platão atribuiu a Heráclito, quais imputou aos seus adeptos, e como explorou, criticou e desdobrou essas teses ao formular suas próprias investigações filosóficas.

**O uso das imagens matemáticas no *Ménon* (82b-85b) e na *República VI* (509d-511e) – Maria Inês Anachoreta (PUC-RJ)**

Com Frédéric Cossutta, podemos admitir que a escrita filosófica e sua forma desempenham uma dupla atividade: ao mesmo tempo em que a escrita é a condição de emergência do texto filosófico e de tudo o que esse texto busca instaurar, como o desenvolvimento de técnicas de exposição, modos de expressão, construção de conceitos, ela é também o momento em que essa atividade é comunicada e se faz, simultaneamente, como uma “*comunidade discursiva*”. Em virtude dessa dupla atividade, a compreensão de um texto filosófico exige também o reconhecimento do papel desempenhado pelas formas dos discursos envolvidos em sua construção, ou seja, dos gêneros de que a constituição do texto se utiliza como os da literatura, os jurídicos, os religiosos ou os científicos, dentre outros. Pretendemos dar atenção, neste trabalho, ao papel desempenhado pelas passagens matemáticas citadas para a elaboração do argumento que é desenvolvido nos respectivos diálogos.